



LUCIANO MARTINS COSTA

Jornalista e escritor,
consultor em estratégia
e sustentabilidade

Um longo caminho de Woodstock até hoje

Não é ainda o reencontro da contracultura com suas raízes, quando a ruptura com modelos musicais arcaicos embalava sonhos de um mundo melhor, mas pode-se dizer que o Rock in Rio “sustentável” significa um passo adiante para o show business. Claro que ainda se trata de negócio e, como o espetáculo não pode parar, o tom verde lhe cai bem nestes tempos de urgências ambientais. E pode-se ir muito além do marketing.

É um longo caminho desde Woodstock, e não se pode dizer que a música de vanguarda tenha inspirado comportamentos socialmente corretos. A longa lista de obituários com desenlaces de curto prazo mostra que ainda se morre de vida intensa, ou seja, o exemplo de Amy Winehouse ainda representa um estereótipo do roqueiro: tudo aqui e agora, ainda que por pouco tempo. Como, então, se concilia o culto à morte, presente nas vidas de muitos astros e nas letras das composições mais pesadas, com o olhar para o futuro que se concretiza em ações ambientalmente corretas?

Show de rock com emissão zero de carbono e 100% de reciclagem pode parecer a alguns desavisados como

Se o show tem que continuar, melhor que deixe no ar menos fumaça e no chão nenhuma sujeira. E que ajude a manter na plateia a convicção de que o sonho de um mundo melhor não acabou

o além-túmulo da contradição, quando se associa o comportamento arquetípico do roqueiro à irresponsabilidade. Mas é apenas a recuperação de um espírito perdido nos descaminhos da massificação: se o rock nasceu como uma celebração da vida, após os horrores da 2ª Guerra Mundial, é natural que em algum momento seja retomada essa matriz.

Se lá, na origem, o encontro dos ritmos africanos com a melodia dos brancos inspirou um estilo de vida mais vibrante e rebelde e andou embalando sonhos de sociedades alternativas nas quais as diferenças pudessem ser superadas, também é de se constatar que a grande comunidade da contracultura acabou se esfacelando em tribos, algumas inconciliáveis. Há poucos dias, herdeiros desse sonho de tolerância se confrontaram até a morte diante de uma casa de rock na capital paulista.

Por essa razão, chama mais atenção o anunciado esforço de responsabilidade social dos organizadores do Rock in Rio do que seus projetos ambientais. Cuidar para que um evento dessas dimensões deixe na terra apenas as marcas dos pés dançantes é uma imposição do áspero tempo em que vivemos. Uma boa gestão ambiental é hoje parte obrigatória de qualquer iniciativa desse tipo, e ninguém será condenado por fazer propaganda de atitudes corretas. O que chama especial atenção é o cuidado com os efeitos sociais desse acontecimento.

Nos debates sobre a sustentabilidade, quando se consegue ir além da questão ambiental, é inevitável que se chegue aos limites do que se considera a responsabilidade da iniciativa privada. Um empreendimento privado tem obrigação de produzir benefícios sociais além daqueles trazidos pela renda? Ora, um evento que remete às raízes da contracultura evoca obrigatoriamente os sonhos igualitários que inspiraram muitas canções. Mais do que sessentão, o rock se vê diante da contingência de se resignificar. Se o show tem que continuar, melhor que deixe no ar menos fumaça e no chão nenhuma sujeira. E que ajude a manter na plateia a convicção de que o sonho de um mundo melhor não acabou. ■